

LITERATURA DE CORDEL: UMA PROPOSTA DIDÁTICA ANALISANDO A TRADIÇÃO DE 10 DÉCADAS (1912 A 2013)

Josineide Nóbrega¹

RESUMO: O presente trabalho resulta da pesquisa sobre *Tradições Discursivas* que percorre o gênero literário cordel, e tem como escopo investigar informações que tematizam a história e a estrutura da literatura de cordel, examinando aspectos da forma e do conteúdo, bem como, apresentar as características que marcaram o gênero em séculos passados e os elementos de sua transformação, pontuando a permanência e a mudança. A princípio faremos uma breve apresentação do percurso histórico do folheto de cordel, tradição que surge no Brasil, trazida pelos colonizadores. Logo após, discutiremos os conceitos da Tradição Discursiva e da prática docente por meio de sequências didáticas. Dentre os teóricos utilizados, destacam-se Kabateck (2005); Marinho e Pinheiro (2012); Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Por fim, apresentaremos uma proposta didática pautada na abordagem da tradição do gênero. Nossa pretensão é apresentar proposições didáticas para a prática docente, contemplando a tradição discursiva do gênero e considerando a natureza poética do cordel.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel; Tradição Discursiva; Propositura didática.

RESUMEN: El presente trabajo es el resultado de la investigación sobre Tradiciones Discursivas que atraviesa el género literario de cordel, y su objetivo es investigar las informaciones que tematicen la historia y la estructura de la literatura de cordel, examinando aspectos de forma y contenido, además de presentar las características que marcaron el género en siglos pasados y los elementos de su evolución, puntuando su permanencia y cambio. Al principio, haremos una breve presentación de la historia del folleto de cordel, una tradición que surge en Brasil, traída por los colonizadores. Poco después, discutiremos los conceptos de Tradición Discursiva y práctica docente a través de secuencias didáticas. Entre los teóricos utilizados, destaca Kabateck (2005); Marinho y Pinheiro, (2012); Dolz, Noverraz y Schneuwly (2004). Finalmente presentaremos una propuesta didáctica basada en el enfoque de la tradición de género. Nuestra intención es presentar proposiciones didáticas para la práctica docente contemplando la tradición discursiva del género, considerando la naturaleza poética del folleto cordel.

PALABRAS-CLAVE: Literatura de Cordel; Tradición Discursiva; Propuesta Didáctica.

1. Introdução

Oriunda da Europa, a literatura de cordel chega ao Brasil por meio dos colonizadores Portugueses. Tradição oral veiculada na Península como *literatura de cego*, ganha no Brasil a designação de literatura de cordel pela forma como os folhetos são vendidos, dependurados em barbantes nas feiras livres. Inicialmente, sua propagação está vinculada aos cantadores, que saíam pelas fazendas cantando em verso os acontecimentos do cotidiano nordestino. Assim, o poeta é o representante do povo e o repórter dos acontecimentos da vida social. No cordel, são oralizados desde as aventuras, aos fatos mais próximos do público: façanhas de cangaceiros, acontecimentos políticos, catástrofes, milagres e até propagandas. É no Cordel, segundo Zumthor

¹ Graduada do curso Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

(2001), que “a palavra gesticulada dos poetas” evoca memória e tradição em suas métricas e rimas.

Em conformidade com Mark Curran (1998, *apud* MARINHO e PINHEIRO, 2012, p.106), “o cordel funcionava como crônica poética do povo nordestino e história nacional, relatada a partir de uma perspectiva popular. Em uma mistura de fato e ficção, o cordel informa diverte e ensina.” Essa tradição oral da poesia popular impressa possui uma estrutura metrificada e rimada que lhe é peculiar, criando um estilo próprio. É a situação de oralidade, de uma literatura para ser memorizada, cantada e fruída, que permite ao cordel alcançar um público cada vez mais amplo.

Na zona rural, eram apreciados em engenhos, pequenas propriedades e em fazendas de gado, não só pelos trabalhadores mas também pelos proprietários das terras que patrocinavam a cantoria e liam – ou escutavam ler – as histórias. Distinções clássicas entre campo e cidade, cultura popular e cultura de elite parecem diluir-se perante os folhetos. No início do século, as diferenças entre campo e cidade não eram tão marcadas no Nordeste e, embora poetas e leitores pertencessem fundamentalmente às camadas pobres da população, membros da elite econômica também tinham nos folhetos e nas cantorias uma de suas principais fontes de lazer. (ABREU, 1999, p.95)

Tomando por base a oralidade e a escrita do gênero cordel, nosso objetivo é conhecer, apoiados nos suportes teóricos de Kabateck (2005); Marinho e Pinheiro, (2012); Dolz, Noverraz e Schnewly (2004), informações que tematizaram a história e a estrutura da literatura de cordel no Nordeste do país, examinando aspectos da forma e do conteúdo, bem como, apresentar as características que marcaram o gênero em séculos passados, o seu percurso histórico e os elementos de sua evolução, pontuando a permanência e a mudança. Com isso propor um projeto didático, pautado em sequências didáticas que contemplem aspectos da tradição discursiva no folheto de cordel.

Dentre os teóricos utilizados, destaca-se Kabateck (2005, p.159) do qual adotamos o conceito de *Tradições Discursivas (TD)*: “Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável)”. Para tratar da proposição didática pautada no cordel, tomamos por base o livro *O Cordel no Cotidiano Escolar*, cujo enfoque volta-se à práxis docente: “abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel é uma conquista da maior importância” (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p.7). No tocante à didatização, partimos do procedimento da Sequência Didática (SD): “como um conjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual, cujo objetivo é promover o acesso dos alunos a práticas de linguagens tipificadas” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004).

A metodologia aplicada pautou-se em um levantamento bibliográfico, bem como na coleta de cordéis digitalizados do século XX e XXI, com temática relativa às transformações sociais e econômicas ocorridas no período. Os textos estão disponíveis no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, Botafogo – Rio de Janeiro.

Nossa proposta de abordagem sobre tradições discursivas elenca: (1) o contexto histórico-discursivo, correspondência entre: forma textual e finalidade pragmática; (2) o âmbito da linguagem: as regularidades existentes e as características que marcam o gênero no decorrer dos séculos; e (3) o contexto dimensional do gênero: aspectos de forma e conteúdo que apontam diferentes tipos de cordéis. Selecionamos, então, três (03) folhetos de cordel: *Resultado da Revolução do Recife e O enterro da justiça* (1912), *Os Aviadores* (1922), e *A chegada de Lampião no inferno* (2013), perfazendo um período de 101 anos. E incluímos um recorte do Jornal “O Paiz”, de 1922, cuja

manchete refere-se à chegada de aviadores portugueses ao Brasil, tema que inspirou a produção do cordel.

Em nossos estudos verificamos que a promoção de experiências lúdicas e sobretudo afetivas com o cordel apresenta-se como recurso inestimável, capaz de contribuir para um reconhecimento identitário. Ademais, observamos que o processo de ensino-aprendizagem da literatura cordelista é fundamental para a promoção de novas propostas voltadas à prática do ensino da oralidade como parte integrante da cultura.

2. Contexto histórico-discursivo: forma textual e finalidade pragmática

No Brasil, especialmente no Nordeste do final do século XIX, os primeiros contatos com a literatura se deram através dos cantadores e cordelistas. O cordel tem destaque como o primeiro livro de leitura de grande parte da população não letrada, que decorava os versos declamados nos grupos sociais. A partir do início do século XX, quando os primeiros folhetos foram impressos, ocorreram mudanças significativas quanto à forma, à linguagem e à finalidade pragmática. Quanto à estrutura, o folheto passa a possuir características e regras definidas, para cada finalidade pragmática (Pelejas, ABC's, Circunstâncias, Romances). Passa a conter de “8 a 16 páginas, para pelejas e poemas de circunstâncias.” (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 25).

O cordel tem cunho lúdico, abarca a opinião dos poetas e apropria-se de um formato discursivo com fins a divulgar as transformações sociais e econômicas ocorridas no país. Os folhetos, além de entreterem, preocupam-se em informar os leitores sobre os acontecimentos e as transformações sociais ocorridas, em grande parte nas metrópoles. Em nossa pesquisa, foram eleitos os folhetos de *circunstâncias*. “Nesses folhetos é possível encontrar desde as últimas notícias sobre os acontecimentos políticos do país e do mundo, até histórias curiosas de assassinatos de pessoas famosas ou assombrações que andam pelo sertão.” (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 33). Neles, encontramos características não apenas linguísticas, mas também sociais, históricas, políticas e econômicas do período. O narrador aproxima o escrito ao oral, concedendo liberdade à narrativa e discorrendo sobre sua opinião. Observamos que tais características se perpetuaram ao longo das décadas.

Exemplo 1:

“*Resultado da Revolução do Recife*” (1912) - autor: Francisco das Chagas Baptista

“(…) Então o Marechal Hermes

- O heroe da liberdade; -

Ao jeneral Carlos Pinto

Ordenou com brevidade

Que êle mandasse o exército

Policar a cidade. (p.3)

(…) A's duas horas da tarde

Do dia segunda-feira;

Um grupo que acompanhava

Dr. Gonçalves Ferreira

Contra a força do izercito

Deu a descarga primeira (p.3)

(…) Se algum dia em meu pais

O voto livre existir

Talvez que eu ainda vóte
N'aquele que me convir
Bôa noite. N'esse assunto
Não desejo me expandir / (p. 12, grifos nossos).

Neste folheto de Francisco das Chagas Baptista a oralidade do cordel, cantado em rimas, permite ao poeta narrar um fato histórico e opinar criticamente a respeito da soberania vigente, pontuando os desmandos do poder. Desempenhando o folheto, papel de noticiário dos fatos sociais e históricos. São os chamados *folhetos de circunstancia*, utilizados para narrar acontecimentos políticos e sociais do país e do mundo. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 33). Exemplificamos a seguir outro acontecimento histórico cujo enfoque é dado à chegada dos Aviadores, Saccadura Cabral e Gago Coutinho, que em 1922 desembarcam no Rio de Janeiro.

Exemplo 2:

“Os Aviadores” (1922) - autor: Antônio da Cruz

Novecentos e vinte e dois,
O anno do Centenário
Da nossa independência
Do antigo donatário
Reino de Portugal
De quem fomos tributario.
(...) – Dois sábios de Portugal
Nos venheram conhecer!
Dois grandes aviadores
vieram pelo espaço
Voando de Portugal
Em um hydroplano de aço
Atravessando céu e mar
Sem o menor embaraço. (p.1, grifos nossos)

Para serem apreciados, e entendidos pelo povo, os assuntos tratados no cordel sofrem um processo de adaptação, tanto no léxico como na ortografia. Neste trecho do folheto de Antônio da Cruz, “Os Aviadores”, os versos retratam a chegada dos aviadores portugueses ao Brasil, em 1922. Portanto, um fato veiculado, à época, em grandes jornais de circulação na metrópole. Valendo-se dessa temática, o poeta apropria-se do gênero oral para informar ao povo sertanejo e interiorano acerca deste evento ocorrido na metrópole. De acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p.33), as histórias cantadas pelo cordel que narravam esses fatos históricos ou sociais, eram elaboradas logo após o ocorrido tendo esse tipo de folheto o nome de *folhetos de época ou circunstância*, pois possuíam um tempo limitado de venda. Desse modo, o cordel exercia a função de um periódico, comunicando os acontecimentos metropolitanos numa linguagem próxima à realidade sertaneja. %

Além de noticiar e entreter o folheto também despia o descaso das autoridades com o povo sertanejo, ao retratar, por exemplo, as feitura do anti-herói, que chegando ao inferno, intenta até enganar o diabo. Escrito por Jose Pacheco, em 1949, considerado um dos maiores cordelistas satíricos do Brasil, o folheto “A chegada de Lampião no Inferno” retrata, em tom humorístico, a figura do anti-herói, que não permanece no inferno tampouco vai para o céu, fica no sertão. Neste cordel, o poeta satiriza o desamparo dos que sofrem a seca, exemplificando o inferno com paisagens do sertão, e seus personagens como participantes de uma repartição pública. Ao final da narrativa o poeta deixa ao leitor um questionamento: onde estará o anti-herói Lampião? Desta maneira o cordel configura-se numa ferramenta de alerta e denúncia, como pode ser observado no trecho a seguir.

Exemplo 3:

“A chegada de Lampião no Inferno” (2013)² – autor José Pacheco

“Leitores, vou terminar
tratando de Lampião
muito embora que não possa
vou dar a explicação
no inferno não ficou
no céu também não entrou
por certo está no sertão.” (p.08, grifos nossos)

Diante do exposto, optamos por construir a proposta didática com os textos acima descritos, com a finalidade de observar as marcas históricas presentes nos cordéis, identificadas e resgatadas a partir de traços linguísticos, que são capazes, inclusive, de revelar condições de produção e as marcas sociais intrínsecas que se perpetuam ao longo do tempo. Partimos do pressuposto de que, a partir do estudo histórico da literatura de cordel e da língua, torna-se possível refletir sobre o quanto os textos apropriam-se de aspectos históricos, políticos, sociais e linguísticos para retratar a sociedade de cada contexto de produção. Assim, de acordo com Marinho e Pinheiro (2012, p.83), “a poesia popular, portanto, retrata e põe em questão diferentes aspectos da sociedade e pode funcionar, como qualquer outra literatura, como instrumento de deleite e reflexão”.

Desta maneira, levar o cordel para a sala aula possibilita ao discente compreender essas marcas sociais e históricas presentes nos folhetos de cordel, observando, em seu conteúdo, a métrica e a rima que remetam ao entretenimento e à ludicidade. Acreditamos que a amostra dos três cordéis mencionados anteriormente, por exemplo, possibilita ao discente um olhar crítico a respeito das poesias representadas pelos folhetos. Uma proposição de leitura coletiva contribui para que os alunos se familiarizem com a métrica e a rima do cordel, objetivando a compreensão dos acontecimentos históricos que atravessam os folhetos. A socialização do que compreenderam cria na sala de aula um espaço de prática da oralidade, que pode

² Escrito por José Pacheco, em 1949. Data de publicação em 2013.

originar um rico debate. A orientação de pesquisas sobre os fatos históricos que atravessam essas narrativas, compreendendo a finalidade pragmática dos folhetos no contexto social em que foram escritos, também se configura com uma produtiva atividade didática. Essa atividade poderá suscitar a interdisciplinaridade, pois propõe dialogar com outros componentes escolares como as aulas de história e literatura, construindo saberes não fragmentados.

Assim, trabalhar a literatura de cordel na sala de aula, percebendo em seus diversos contextos de produção os diferentes discursos, configura-se numa estratégia didática que propicia a formação de leitores críticos. Desta maneira o cordel torna-se um veículo de expressão marcante de cultura e identidade.

No processo de ensino-aprendizagem da língua, o professor deve promover situações que incentivem os alunos a falar, a expor e a debater suas ideias, percebendo, nos diferentes discursos, diferentes intenções. Deve promover ainda atividades que possibilitem ao aluno tornar-se um falante cada vez mais ativo e competente. [...] o professor deve planejar e desenvolver um trabalho com a oralidade. (PORTO, 2009, p. 22).

Concluimos, pois, que o processo de ensino-aprendizagem através da literatura de cordel é deveras oportuno, uma vez que os textos carregam consigo marcas históricas e discursivas de uma cultura, e igualmente possuem uma forma textual bem definida com elementos formais, como métrica e rima, que variam de acordo com a finalidade pragmática que se propõe o cordelista. Como aqui destacamos, com os cordéis de circunstâncias, em sala de aula, é possível até mesmo focar o caráter híbrido desses textos, que ora se aproximam do tom periodístico, sendo informativos, ora voltam-se para a subjetividade da narração. Dessa forma será possível promover “situações didáticas que possibilitem a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte” (BRASIL, 1998, p. 28), agindo, com efeito, em conformidade com as orientações nacionais para o ensino do português. Isto posto, passemos a uma análise do gênero do ponto de vista lexical.

3. No âmbito da linguagem: regularidades existentes e as características que marcam o gênero no decorrer dos séculos

O vocabulário do cordel possui traços e características específicas a este gênero literário, faz parte de seus versos a poesia ritmada e intencional, sua rima e ritmo interferem diretamente na sonoridade destes impressos. Esse é um traço recorrente na tradicionalidade do cordel. A sonoridade do cordel é fator preponderante em relação ao sucesso com seu público, pois seu ritmo colabora para a construção do efeito de sentido, a assimilação e a memorização. Portanto, seus poemas seguem regras de métrica e rima inescapáveis, sem elas não se faz um cordel. São elas: sextilha (estrofes de seis versos, com versos de sete sílabas poéticas), setilha (estrofes de sete versos, com versos de sete sílabas poéticas), décima (mais usada pelo repente, é uma estrofe de dez versos de sete sílabas poéticas), martelo agalopado (a estrofe deve ter dez versos de dez sílabas poéticas, sendo que cada verso tem que ter a acentuação tônica na terceira, sexta e

décima sílabas poéticas), e galope a beira-mar (estrofes com dez versos de onze sílabas poéticas, com as tônicas na segunda, quinta oitava e décima primeira sílabas poéticas).

Na amostra deste artigo, selecionamos poemas em sextilha e setilha, por ser a métrica mais recorrente desde o surgimento do cordel no país, que se perpetuou até os dias atuais. Segundo a ABLC (Academia Brasileira de Literatura de Cordel), a sextilha: “é a modalidade mais rica, obrigatória no início de qualquer combate poético, nas longas narrativas e nos folhetos de época”³, e a setilha, por ser uma modalidade excelente para ser cantada, é uma das modalidades mais usadas pelos cordelista. Vejamos algumas estrofes dos três folhetos selecionados:

Exemplo 4:

“Resultado da Revolução do Recife” (1912) – autor: Francisco das Chagas Baptista

“A oligarquia julgava
Que com seu orgulho forte,
Escravizaria o povo
Do grande ‘Leão do Norte’;
Porém esse despotismo
A muitos custou a morte!” (p.1)

Exemplo 5:

“Os Aviadores” (1922) – autor: Antônio da Cruz

“Novecentos e vinte e dois,
O anno do Centenário
Da nossa independência
Do antigo donatário
Reino de Portugal
De quem fomos tributario.” (p.1)

Exemplo 6:

“A chegada de Lampião no Inferno” (2013) – autor José Pacheco

“Um cabra de Lampião
por nome Pilão Deitado
que morreu numa trincheira
um certo tempo passado
agora pelo sertão
anda correndo visão
fazendo malassombrado.” (p.1)

Escritos em sextilha (Exemplo 4 e Exemplo 5), obrigatoriamente, o segundo, o quarto e o sexto versos rimam entre si; e em setilha (Exemplo 6), o segundo, quarto e o sétimo versos rimam entre si, possuindo o quinto e sexto versos uma segunda rima entre

³ Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/metricas-2/>. Acesso em 20/05/2019.

si. Os poemas citados facilitam a sonoridade e a memorização, pois há no cordel uma preocupação com a percepção do leitor em relação ao folheto que apresenta uma linguagem com características orais, favorecendo a leitura em grupo, regra utilizada pelos leitores dos folhetos desde sua origem. Essa tradição está presente no folheto e, apesar dos avanços tecnológicos e das mudanças estéticas e artísticas, ainda hoje é preservada.

Desta forma, pensando no contexto da sala de aula, a compreensão leitora dos alunos pode ser desenvolvida a partir da percepção desses recursos da métrica, por meio de uma leitura compartilhada, ressaltando a sonoridade que é peculiar ao gênero, com ênfase nas rimas, e na intencionalidade do texto. Em consonância ao que preconiza a BNCC (2018), quanto ao eixo oralidade, pois o professor estará promovendo discussões com intencionalidade que fomentem “conhecer e refletir sobre as tradições orais e seus gêneros, considerando-se as práticas sociais em que tais textos surgem e se perpetuam, bem como os sentidos que geram” (BRASIL, 2018, p.79).

Na contraparte da produção textual, uma sugestão de atividade produtiva seria solicitar uma produção escrita, com objetivo de noticiar um acontecimento do cotidiano escolar, com base no gênero cordel, utilizando o léxico que é peculiar ao nordeste, com atenção à rima e à métrica, com finalidade de informar aos demais alunos da escola o fato noticiado por meio do cordel. Essa orientação trabalha, assim, a competência leitora e escrita dos discentes, tendo sempre em vista que

tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento que o falante tem de sua linguagem, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades discursivas: uma prática constante de escuta de textos orais e leitura de textos escritos e de produção de textos orais e escritos, que devem permitir, por meio da análise e reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos, a expansão e construção de instrumentos que permitam ao aluno, progressivamente, ampliar sua competência discursiva. (BRASIL, 1998, p. 27)

À vista disso, o desenvolvimento das atividades aqui propostas a partir do gênero cordel tem natureza reflexiva, priorizando a análise linguística, possibilitando “a reflexão não apenas sobre os diferentes recursos expressivos utilizados pelo autor do texto, mas também sobre a forma pela qual a seleção de tais recursos reflete as condições de produção do discurso e as restrições impostas pelo gênero e pelo suporte” (PCNLP, 1998, p.27), posto que o docente não irá abordar o cordel enfocando apenas as regras de métrica e rima que fazem parte de sua estrutura, mas também demonstrará como as características linguísticas do texto marcam o gênero no decorrer dos séculos. Dessarte, “o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem” (BRASIL, 2018, p. 67). Sendo o cordel, então, veiculado em diversos grupos sociais, pontuamos no tópico seguinte considerações a respeito da pluralidade dos textos dessa tradição.

4. Dimensão do gênero: aspectos de forma e conteúdo que apontam diferentes tipos de cordéis

Para ser apreciado e entendido pelo povo, os assuntos tratados no cordel sofrem um processo de adaptação, tanto no léxico como na grafia. Segundo Mark J. Curran (2004, p. 562), “[...] o poeta cordeliano não poderá tratar o grande acontecido como um fenômeno jornalístico isolado. Ele vê o evento sob a perspectiva de sua própria cosmovisão,[...] e sua tradição literária popular, isso é, da tradição cordeliana total. Por isso, escreverá utilizando uma linguagem popular [...]”.

Elegemos o folheto “*Os Aviadores*” (1922), bem como um recorte do Jornal “O Paiz”, de 1922, cujo conteúdo versa sobre a mesma temática, para apontar tais adaptações:

Exemplo 7:

“*Os Aviadores*” (1922) - autor: Antônio da Cruz

“Novecentos e vinte e dois,
O anno do Centenário
Da nossa independência
Do antigo donatário
Reino de Portugal
De quem fomos tributario. (p.1)
(...) – Dois **sábios** de Portugal
Nos **venheram** conhecer!
Dois **grandes** aviadores
vieram pelo espaço
Voando de Portugal
Em um hydroplano de aço
Atravessando céu e mar /
Sem o menor embaraço.” (p.1)
(...) Lêiam com toda atenção
Do principio até o fim;
Onde navega a verdade
Triumpha o verde jardim
Porem andando a mentira
Só mostra que é ruim.” (p.2, grifos nossos)

As mudanças gráficas conferem ao folheto marcas da oralidade, através de variantes linguísticas de cunho popular. No folheto o poeta marca a musicalidade com o verbo “vir”, grafado na nona linha do poema com acréscimo dos fonemas /e/, /n/, /h/ para dar sonoridade e ritmo, enquanto que na décima linha o poeta grifa o verbo conforme a norma padrão, para garantir a sonoridade. Diferentemente do que se observa no exemplo a seguir, recorte de jornal, no qual o uso de recursos linguísticos da norma padrão permite garantir a compreensão de leitores diversos.

Exemplo 8:

Manchete do Jornal “O Paiz”, de 15 de junho de 1922:

“PORTUGAL-BRASIL – Os **denodados** aviadores devem chegar hoje a **Victoria**”

“O nosso governo toma, pelo Ministério da Marinha, providencias para facilitar a **amaragem** do “Fayrei 17” em frente á ilha das Enxadas – Saccadura Cabral e Gago Coutinho são propostos para o premio Nobel de **sciencias**”. (grifos nossos)

Tornam-se perceptíveis as marcas da oralidade expressas no folheto e as marcas que distinguem o propósito de cada gênero e o seu público alvo, os leitores dos folhetos e dos jornais. Apesar de versar sobre o mesmo tema, com a finalidade de noticiar um acontecimento social, no folheto, os aviadores são adjetivados como: “**sábios e grandes**”, enquanto na manchete, recebem adjetivos como: “**denodados**”, caracterizando uma linguagem mais rebuscada. Observamos que as mudanças ocorridas no léxico, na sintaxe e na grafia acompanham as mudanças sociais, pois a linguagem do cordel é muito marcada pela sociedade na qual está inserido, reflete a realidade e os valores culturais advindos de seu público-alvo, suas narrativas são enriquecidas de comentários, favoráveis ou não, acerca de seus personagens conforme estes são vistos pela sociedade local.

A proposta didática para abordar as peculiaridades de cada gênero leva os alunos a refletirem acerca das mudanças ocorridas no léxico e na grafia, que acompanham a modificação da sociedade e dos recursos linguísticos empregados. A princípio, é importante estimular os alunos a discutirem essas características dos dois textos (o cordel e o recorte de jornal). Essa reflexão conduz os alunos a identificarem as palavras que sofreram modificações/adaptações, observando que essas adaptações correspondem à sociedade de cada época.

A reflexão linguística considerando a natureza e os propósitos peculiares de cada gênero pode ser aplicada no ato da produção textual em atividades que envolvam pesquisa sobre notícias veiculadas, em jornais ou revistas, para que, posteriormente, os alunos retextualizem a notícia, de acordo com o léxico e grafia peculiares ao cordel. Como toda produção com uma real finalidade comunicativa, dos folhetos uma etapa importante pode-se dar por meio de uma feira com a exposição dos cordéis produzidos pelos alunos.

Conforme vimos, trabalhar na perspectiva dos aspectos da tradição do folheto de cordel pressupõe uma série de ações em prol de um projeto didático que, além de promover a leitura e a produção escrita dos alunos, vem corroborar com os parâmetros norteadores da educação, no que tange aos temas transversais e a interdisciplinaridade. Sendo assim, as proposições de atividades contemplaram o encantamento pela sonoridade, rima e pela peculiaridade vocabular, no sentido de desenvolver a compreensão leitora, a interpretação textual e o despertar do pensamento crítico.

Sabemos que os desafios podem ser proeminentes, quando o professor se dispõe a ir além de um pragmatismo educacional. Contudo, as conquistas poderão ser muito significativas, visto que o cordel é uma das mais importantes e significativas manifestações da cultura popular brasileira. Segundo Marinho e Pinheiro:

abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, é uma conquista da maior importância. [...] os que aprenderam a ler com os folhetos foram primeiro tocados pela fantasia das narrativas, pelo

humor de situações descritas, enfim, pelo viés da gratuidade e não pelo pragmatismo de suas informações (2012, p.7, grifos nossos)

Compreendemos que a imersão no universo cordeliano pelo viés do encantamento, da versatilidade e da tradição possibilita novas discussões que atravessam o gênero em diferentes momentos sócio-históricos. Sendo assim, com base na perspectiva da tradicionalidade que perpassa a composição do cordel em diferentes dimensões, apresentamos algumas transposições possíveis para a sala de aula.

5. Conclusão

Retomamos o que foi apresentado no início deste artigo, no que tange ao conceito postulado por Kabateck, (2005, P.159), “Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável)”, para reafirmar a viabilidade de um projeto didático que contemple ‘a palavra gesticulada’ dos folhetos de cordel, evocando a memória e a tradição da cultura brasileira, sobretudo do nordeste.

Conforme vimos neste trabalho, a tradição oral nordestina, com sua linguagem espontânea, atravessada por construções pitorescas, particulares da própria maneira risonha do povo nordestino, perpassa da oralidade, mesclando temáticas sociais, políticas, históricas e culturais em suas produções poéticas.

As proposições didáticas contidas neste artigo, justamente por defender essa tradição oral nas aulas de português, não pretende ser uma receita ou um *método* fixo, mas, sugere exemplos de infinitas possibilidades que podem ser aplicadas na atuação docente, trabalhando o cordel na sala de aula, considerando sua natureza poética, que provoca o encantamento e a criticidade.

Desta maneira, esperamos que os conceitos abordados, sobretudo quanto à tradição oriunda dos folhetos, contribua para um processo de aprendizagem descontraído e encantador que possibilite ao discente o prazer de aprender através da cultura cultivada e conservada pelo viés da oralidade.

Referências

- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p.95 .
- ABLC. Academia Brasileira de Literatura de Cordel. **Métrica**. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/o-cordel/metricas-2/>. Acesso em 20/05/2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CURRAN, Mark Joseph. Introdução ao texto histórico do acontecido na literatura de cordel. In: BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita et al. (Orgs.). **Estudos em literatura popular**. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.
- DOLZ, Joaquim & SCHNEUWLY, Bernard, NOVERRAZ, Michèle. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: **Gêneros orais e escritos na escola /** Tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. <http://www.casaruibarbosa.gov.br/index.php>
Acesso em 30/03/2019.

KABATECK, J. **Tradições discursivas e mudança linguística**. Disponível em:
<<http://www.romling.uni-tuebingen.de/discurso/itaparica.pdf>>. Acesso em: 30/03/2019.

MARINHO, Ana Cristina Marinho. PINHEIRO, Helder. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.